

A história de Pelotas como fonte de inspiração primária em *A superfície das águas* de Hilda Simões Lopes

Nicéia Oliveira dos Santos

Mestre em História da Literatura pela
Universidade Federal do Rio Grande

Professora da rede municipal de
ensino de Pelotas

niceiarg@yahoo.com.br

Resumo: O trabalho analisará como a História de Pelotas serviu de fonte de inspiração em *A superfície das águas* de Hilda Simões Lopes. Para isso, faremos comparação entre a História e a Ficção, usando como suporte teórico Mário Osório Magalhães, além de estudiosos na fronteira entre os dois gêneros.

Palavras-chave: Romance histórico. História. Pelotas

A diegese da escritora pelotense Hilda Simões Lopes, *A superfície das águas* conta a história de seu avô, Augusto Simões Lopes, estancieiro e influente político do governo de Getúlio Vargas na década de 30, transposto à ficção com o nome de Catão Bonifácio de Linhares. O espaço central da narrativa dá-se em Pelotas, que de cidade às margens do Rio São Gonçalo, tornou-se um importante polo cultural.

Do ponto de vista estrutural a obra divide-se em duas partes: a primeira volta-se para o universo político e acompanha a trajetória de Catão Bonifácio de Linhares, pelotense, estancieiro, senador e constituinte de Vargas em 1934; acompanhamos ainda as vicissitudes pessoais de seu filho, Olegário Calestrine de Linhares que conhecendo as vilanias do universo político decide tomar caminho próprio, retornando à Pelotas após sua aposentadoria como juiz de direito. A segunda trata da sobrinha de Olegário que ao enfrentar uma crise existencial encontra-se novamente com o tio. A personagem narradora começa a recordar o passado de glória dos seus ancestrais como membros importantes da elite pelotense. De acordo com Luis Antonio de Assis Brasil, é por intermédio dela que a escritora aprofunda o estudo das contradições de um grupo que se recusa a desaparecer no tempo.

Segundo Maria Teresa de Freitas¹⁶ há uma distinção fundamental entre dois tipos de obras literárias: a representativa e a autorrepresentativa. A primeira é aquela que conta com uma

¹⁶ FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.

realidade exterior, cujo referencial pode ser encontrado na vida real. A segunda é a autorrepresentativa porque representa a si mesma, colocando-se em evidência enquanto linguagem e elemento autônomo independente do mundo que o cerca. No romance de Hilda Simões Lopes há uma realidade que corresponde a um período histórico datado: ao apogeu de Pelotas e a sua decadência; a era Vargas e a Ditadura Militar de 1970, é atestada por documentos, é anterior ao discurso, tratando-se de uma obra representativa. Logo, sob esse aspecto, é um texto que se insere em um contexto realista como um nível de representatividade de linguagem, estando a serviço da história a ser contada, fazendo assim uma reconstituição histórica cuja fonte primária é a História.

A diegese da escritora pelotense não tem apenas por objetivo dar conta da realidade histórica, mas da realidade estética e da problematização da realidade exterior, seja ela qual for. Desse modo, a ficção de Hilda Simões não visa apenas colocar a presença da realidade exterior, mas interrogar essa presença, colocá-la em questão: eis uma das qualidades do texto literário. Por outras palavras, a partir do momento em que a realidade torna-se uma matéria estética, sofre uma transformação, na medida em que sua reprodução deixa de ter um fim em si mesma, para se tornar outra realidade. É o caso de *A superfície das águas*, em que a ficcionista apropriou-se de um determinado momento da História, a trajetória do seu avô, para transformá-la em outra realidade de cunho ficcional, mas que mantém o mesmo referente do sujeito histórico factual. Os documentos históricos registram que Augusto

Simões Lopes alcançou renome nacional como prefeito em Pelotas e como senador de Vargas, a cidade teve ainda políticos influentes como Fillinto Mulher e Hercolino Cascardo, também representados na ficção.

Segundo Teresa de Freitas, em *Literatura e história*, nos romances históricos agem e vivem personagens históricas cuja vida paralela é inventada pelo autor. O ficcionista inventa uma vida paralela, a criação de um mundo fictício, a história, partindo de uma realidade concreta, a História. Assim, tanto na História quanto na Ficção as personagens são representações do real. Na obra de Hilda Simões Lopes agem e vivem personagens históricas que transpostam da História à Ficção, não apresentam mudanças. É o caso de Maria Clementina, esposa de Catão, na vida factual a avó da escritora, cuja descrição vai ao encontro dos registros históricos. Quanto à personagem Olegário, é uma representação do tio de Hilda Simões Lopes¹⁷. Tanto a personagem ficcional quanto a real possuem as mesmas características: são exímios campeiros e adoram a vida na fazenda¹⁸.

¹⁷ De acordo com Rosa Maria Garcia em *100 imagens da arquitetura pelotense*, a árvore genealógica da família Simões Lopes iniciou com o casamento do comendador João Simões Lopes, em 1815, com Isabel Dorotéia Carneiro de Fontoura. O casal passou então a residir na Estância da Graça, propriedade que ainda pertence à família Simões Lopes. O patriarca da família teve 22 filhos de dois casamentos, sendo que dois deles, Ildefonso e Augusto destacaram-se em nível nacional, o primeiro como deputado Federal; o segundo como senador da República na era Vargas. Na estância da Graça nasceu Simões Lopes Neto.

¹⁸ Segundo Mário Osório Magalhães em *Opulência e cultura na província de São Pedro: um estudo sobre a cidade de Pelotas*, o único filho do comendador João Simões Lopes que se interessava pela vida do campo

I Seminário de Estudos Literários *Pelotas: da formação à contemporaneidade* ISSN 2359-2478 | 117

Segundo Carlos Alexandre Baumgarten¹⁹, a História e a Ficção assemelham-se por revelarem uma postura ideológica. Para ele há duas atitudes básicas que ocorrem no plano da enunciação ou elaboração do discurso. Na primeira, o historiador, mesmo sem perceber, cruza dois discursos: o tempo da enunciação e do enunciado. O primeiro, na História, manifesta-se pela presença subjetiva de um enunciador que, ao interferir no relato, revela uma postura ideológica. O historiador, da mesma forma que o romancista, constrói uma narrativa que se aproxima do discurso ficcional.

O segundo diz respeito ao chamado tempo da aventura na narrativa de cunho ficcional. Quanto ao tempo ficcional, a presença de anacronias ou saltos temporais, interrompendo o passado e invertendo o tempo psicológico, desloca o presente, passado e o futuro. Tais modalidades de temporais são proibidas à História, sobre a qual pesa o constrangimento do tempo cronológico. Por isso, a Ficção representa um “quase passado” opondo-se ao passado real da História. O professor afirma que todo o discurso é permeado e marcado pela seleção: tanto o historiador quanto o ficcionista fazem uma escolha, cuja referência é aos

era Catão Bonifácio, pai de João Simões Lopes Neto, pois administrava uma das fazendas do visconde em Uruguaiana; ele era exímio campeiro e adquire fama em sua época como domador destemido.

¹⁹ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Literatura e História: O entrecruzamento de discursos. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luís Henrique (Org). *Pensar a revolução Federalista*. Rio Grande: Ed. Furg, 1993.

fatos da realidade, criando uma existência puramente linguística, assemelhando-se, portanto, ao real.

Tal pensamento é ratificado em *A superfície das águas*. Com o suporte de jornais da década de 30, que acompanhavam a trajetória tanto pessoal quanto política de Augusto Simões Lopes, *O Libertador e o Diário de Notícias*, Hilda Simões Lopes reconstrói a História da sua família, e também da cidade de Pelotas, no seu apogeu e na sua decadência²⁰. Desse modo, *A superfície das águas* é um romance histórico porque há datas marcadas pelo calendário, uso recorrente na História, como os anos de 1930, 1937, 1960 e 1964, cuja realidade foi atestada por documentos históricos.

De acordo com Réal Quillet e Roland Bourneuf²¹, a descrição ganhou um lugar de destaque com o surgimento do naturalismo e pôde servir para dar ritmo à narrativa. Desse modo, o espaço e as descrições revelam o grau de atenção que o romancista dá ao leitor, procurando situá-lo no ambiente e no cenário da narrativa, exprimindo a relação fundamental do autor e das personagens com o seu mundo fictício. Assim, as descrições na narrativa são informações do escritor ao leitor.

Desse modo, a narradora apesar de não contar detalhes da História da indústria saladeril, na página 15, faz uma pequena descrição ao leitor a respeito desse momento histórico. Assim, faz

²⁰ A escritora cedeu-nos gentilmente do seu acervo particular os exemplares de jornais citados nesse trabalho.

²¹ QUELLET, Réal; BOURNEUF, Roland. *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976.

a representação do luxo que assolou a cidade de Pelotas nessa época e da crise econômica enfrentada pela elite pelotense quando as charqueadas faliram: *Da mesma forma, deixa de ir a Buenos Aires experimentar o restaurante da moda e, dado que as recepções agora são escassas, resguarda os móveis das salas douradas em capas de percal engomado. Vende os seus casarões neoclássicos e negocia veladamente pulseira de brilhantes, chatelelaines de ouro, colares de rubis* ²². Tal representação vai ao encontro dos documentos históricos, pois segundo Mário Osório Magalhães, Pelotas alcançou o seu apogeu com o início das charqueadas, tendo o seu declínio quando as mesmas faliram. Em alguns momentos, aquela que conta a história atém-se em descrições em função da História da cidade, tendo por objetivo situar o leitor em um determinado tempo histórico. É o caso das charqueadas, descritas superficialmente, mas que fazem o leitor imaginar como poderiam ter sido. A narradora, ao fazer alusão às charqueadas, cujo trabalho era feito por mão- de- obra escrava, refere-se ao seu bisavô que, *pagando salário e percentual nos lucros das charqueadas a seus escravos; abolida a escravatura nenhum negro quis deixá-lo* (p.139).

²² Segundo Mário Osório Magalhães, na cidade de Pelotas havia cultura e refinamento, os móveis e tecidos eram trazidos da Europa, as companhias de teatro se apresentavam primeiro na cidade e depois na capital. Com a criação da barca a vapor Liberal, no ano de 1824, muitos charqueadores vinham regularmente a Rio Grande e estabeleceram residência nas duas cidades. Com a implantação dos frigoríficos na região, muitos charqueadores faliram e adveio a crise econômica e cultural da cidade.

A residência em Pelotas de Catão Bonifácio, conhecida pelos pelotenses com Castelo Simões Lopes, é representada nessa obra. Ao descrever detalhes da construção de vanguarda do castelo, como os elevadores interligando os andares, vai ao encontro dos registros da História da cidade. A propriedade era tida na época como construção de primeiro mundo pelo sistema de calefação importado da Suíça. Os documentos históricos registram que a construção do Castelo Simões Lopes, propriedade do sujeito histórico Augusto Simões Lopes, impulsionou o crescimento da cidade de Pelotas; a sua construção originaria o surgimento da cidade em direção aos os trilhos²³. Quando a personagem Laura descreve que a construção do castelo da personagem Catão Bonifácio perdurou por alguns anos, devido à doença da sua mãe, vai de encontro ao discurso histórico. Os documentos históricos registram que enquanto o castelo era construído, Augusto Simões Lopes morava com a mãe; a obra levaria dois anos, iniciando em 1920 e terminando em 1922:

Então, uma soberba arquitetura reveste-se em decadência, quando Catão Bonifácio de Linhares inicia a edificar sua casa, a qual se transformaria em castelo,

²³ De acordo com Rosa Maria Garcia Rolim de Moura e Andrey Rosenthal Schlee, em *100 imagens da arquitetura pelotense*, página 20, com o início da implantação do Castelo Simões Lopes a cidade ultrapassou os trilhos ferroviários, rumo ao oeste, conquistando parte do chamado campo do Viana. O traçado regular característico da cidade foi mantido, sendo previstos cerca de 80 novos quarteirões. No loteamento Simões Lopes localizou-se a chamada “Cidade Nova”, vila operária construída fronteira à estação férrea.

ao menos para os pelotenses, que passaram a denominá-la. Pois agora, é aí que mora Catão Bonifácio; isso faz oito anos, estimando que se mudou em 1922, quando concluiu a obra que demorou além do previsto, devido à longa doença de sua mãe, em casa de quem ele residia. (LOPES, 1997, p.16)

Assim, ao afirmar, na página 64, que a sua casa era *em feitio de castelo* vai ao encontro dos registros históricos. De acordo, com Mário Osório Magalhães, o Castelo Simões Lopes, após a morte de Augusto Simões Lopes, passou a pertencer como herança à família de Hilda Simões Lopes²⁴. Na obra analisada, as descrições da narradora-personagem introduzem o leitor no mundo da ficção com alguns aspectos da realidade. Laura relatará os fatos sociais e culturais de uma época e de uma sociedade, dando ao leitor detalhes que ratificam os registros históricos. Ela informa ao leitor onde nasceu a linhagem dos Calestrine de Linhares, na vida factual os Simões Lopes, na Estância da Graça:

A casa era secular. Tinha um mirante com duas janelas, que enxergavam com entendimento, feito olhos de mãe. E ela se esparramava para os lados, parecendo ansiosa em abraçar, acolher, o que de fato, em suas entranhas, fazia. Pois era grande o aconchego

²⁴ O castelo Simões Lopes foi vendido à Prefeitura Municipal de Pelotas. Atualmente encontra-se em lastimável estado de abandonado, servindo de moradia a delinquentes e desabrigados. No *Diário popular* de 9 de julho de 2008, página 06, há uma matéria informando que o atual prefeito de Pelotas, empossado em 2009 - Fetter Júnior - , conseguiu do governo federal a liberação de verbas para a preservação do imóvel. Até meados de novembro do ano de 2012, a Prefeitura de Pelotas continua aguardando honorários do Patrimônio Histórico para as obras.

existente, como uma amálgama: de carinho, dos muitos que lá viviam e chegavam; mais as histórias das dores e das paixões dos antepassados ali experimentadas e, geração a geração, repetidas; mais os sulcos nas paredes, as tortuosidades nas madeiras das portas e janelas, os nome de mulheres riscados nos vidros. E havia ainda os quartos de altos forros, as salas espaçosas que conseguiam a façanha de serem, ao mesmo tempo, austeras e doces: móveis de jacarandá estilo colonial, vasos com flores do campo, couros no chão, lustres de pingentes, estofados em chintz estampado. E o corredor, com o piso em lajotas pretas e brancas, envidraçado para o pátio interno; também as paredes - grossas feito uma fortaleza - e o reboco, áspero e alvo. (LOPES, 1997, p.42)

Há momentos em que a narradora-personagem faz alusões à sua vida na estância, fazendo a representação que a casa tinha *mirante e janelas*, indo de encontro ao que consta na História factual de Pelotas. De acordo com Rosa Maria Garcia, a Estância da Graça, propriedade produtiva dos Simões Lopes foi edificada como casa assobradada, construção térrea mais camarinha, ou mirante, tendo sido ampliada no século XIX com a construção de banheiros, jardim de inverno e uma capela de dimensões consideráveis.

O patrimônio arquitetônico da cidade também não é esquecido pela narradora. Em *A superfície das águas* há a representação dos casarões às margens do Arroio Santa Bárbara, que eram residência das charqueadas. Tal reconstituição valida os registros históricos, pois segundo Andrey Rosenthal, em *Cem imagens da arquitetura Pelotense*, há em Pelotas tanto nas margens do Arroio Santa Bárbara quanto nas do Arroio Pelotas, um número significativo de edificações da época das charqueadas. Tais

construções identificaram-se com a indústria saladeril (1800-1835), gerando prosperidade econômica; do período citado restaram apenas algumas delas, como a charqueada São João²⁵. O Teatro Sete de Abril, referencial de cultura aos pelotense até *meados* de 1970, construído por charqueadores, é representado sendo invadido pela personagem Olegário, e provocando risos no leitor pois, o filho de Catão Bonifácio estava *montado num cavalo percherão, de bota e bombacha, tendo na esquerda um mango e, na direita, um revólver. Diante dos boquiabertos porteiros, cravou esporas no cavalo e invadiu o teatro* (p.39). O Clube Comercial de Pelotas é representado quando a personagem Olegário acompanhado de uma corista escandaliza a sociedade pelotense. O Café Aquário, ponto de encontro dos pelotenses, também tem a sua representação na diegese, pois

Olegário *antes do* almoço trocava alpargatas por sapatos e tomava a rua Quinze, até o café Aquário. Ali, de pé junto ao balcão encontrava os amigos. Discutiam o preço da carne, o descaso do governo com a pecuária, os financiamentos para a lavoura. As paredes eram envidraçadas, de modo que olhavam as mulheres passando e Olegário ficava em dia se era bonita. E quando discutiam se valia apenas investir nas lavouras de soja, ouviam-se chaminés apitando e o trem de ferro batendo forte, fechando as lojas para o almoço, então os homens consultavam seus relógios e iam para casa. Era quando Olegário se dirigia para seu

²⁵ A charqueada São João está localizada à margem direita do Arroio Pelotas e dela resta apenas a residência-sede e algumas ruínas da área de produção.

apartamento. Naquela estada em Pelotas, almoçava sem o suspiro de Constancia. (LOPES, 1997, p.170)

O Arroio Cimentinho, onde a personagem Laura e o seu tio descansam muitas vezes, provavelmente é uma representação do Arroio Pelotas, onde se lavava a carne para salgá-la e então preparar o charque; a narradora informa ao leitor que esse local servia como porto onde circulavam as mercadorias para serem vendidas, indo ao encontro dos registros históricos.

Outra reconstituição da História da cidade é a participação de jovens pelotenses na Revolução de 30, os quais apoiaram Getúlio Vargas no golpe de Estado. A representação da viagem em que a personagem Olegário viaja de trem até Santa Catarina, onde Getúlio esperava o grupo com suas tropas revolucionarias, reconstitui tal momento histórico do país: *Muitos anos depois, Olegário, avançando aos sessenta diria: “Pois é, agora a questão era tomar os trens, seguir a briga lá cima, Brasil afora”. Lembrando o dia quatro de outubro, Getúlio Vargas já aparece fardado- seguirá para o Rio de Janeiro* (p.30). Essa representação vai ao encontro dos registros históricos, pois segundo Mário Osório Magalhães²⁶, Pelotas foi a cidade onde o apoio a Getúlio foi unânime; grande parte dos jovens pelotenses da época aderiram a Revolução de 30.

²⁶ MAGALHÃES, Osório. *História e Tradições da cidade de Pelotas*. Pelotas: Armazém literário, 1999, p. 30.

De acordo com Réal Quillet e Roland Bourneuf, em *O universo do romance*, outro elemento de primordial importância em uma descrição é a personagem; muitas vezes, ela é associada ao ambiente, à natureza ou a certos objetos. O vestuário e o costume de determinada personagem situará o leitor no período tanto histórico quanto social representado na ficção. Para eles, algumas personagens não possuem relevância na narrativa e são relegadas a um papel secundário; no entanto, são associadas, na maioria das vezes, através da descrição do narrador, à paisagem e à cultura do universo factual. É o caso de Camila, personagem secundária, por cujo intermédio a narradora nós dá uma receita portuguesa dos pasteis de Santa Clara, que as doceiras pelotenses até hoje copiam (p.56). Convém ressaltar que tal representação ratifica os documentos históricos, pois segundo Mário Osório Magalhães, Pelotas tornou-se célebre no Brasil inteiro por seus doces, suas geleias e suas compotas. Nas velhas casas senhoriais, os forasteiros encontravam sobremesas deliciosas, cujas receitas eram transmitidas ao longo das gerações.

Outra personagem secundária, que introduz o leitor nos costumes e nos hábitos da elite pelotense, é Catão Bonifácio de Linhares. A narradora descreve o quarto dele, no momento da sua morte, com móveis luxuosos ao estilo Luís XV. A residência do pai de Olegário, no Rio de Janeiro, cidade-sede do governo Vargas, é como se fosse um quadro pintado e colocado em uma moldura, remetendo à representação do requinte da elite pelotense:

É uma daquelas casas de Botafogo, ali na Conde de Irajá, próximo a Voluntários; cercada por jardins, tem portão e grades de ferro junto à calçada. Uma construção senhoril, escada em mármore de Carrara, conduzindo ao terraço que acompanha toda a lateral, onde se enfileiram as quatro portas que levam às salas. Fachada pintada em cor-de-areia, como as aberturas, permitem-na ser, ao mesmo tempo, alegre e solene. Ainda as grades a circundar o terraço, arrematadas pela estátua do menino que segura a luminária; o chafariz de alabastro redondo em meio aos canteiros derramando samambaias; as muitas portas em vitrôs com desenhos adequados a cada peça: harpas na sala de música, frutas na sala de jantar, flores na sala de visitas. Também as grandes barras em azulejo inglês, como as louças dos banheiros coloridos, e os pisos, revestidos em pinho de Riga. Móveis de jacarandá, porcelanas, cristais e pratarias, coisas que Catão Bonifácio trouxe do Sul. (LOPES, 1997, p.66)

Segundo Teresa de Freitas, a tragicidade da História também se manifesta na forma como alguns romances históricos exploram os acontecimentos, aparecendo envoltos em uma atmosfera constituída pelos elementos especulares, que caracterizam a encenação da peça trágica: a pompa, o patético e o dramático.

A pompa, que certamente teve a sua origem na tragédia grega, é estritamente ligada ao cerimonial do culto e consiste na presença das cerimônias. Na obra *A superfície das águas*, constatamos a pompa na representação de um enterro, seguindo o caminho do cemitério do Fragata, na cidade de Pelotas. Nesse evento há a descrição minuciosa de uma *carruagem de madeira, recoberta por esculturas em preto e dourado, era puxada por três parselhas de cavalos tordilhos com as cabeças encimadas por plumas negras, em passo marchador solene, tinham os lombos*

encobertos por redes arrematadas em borlas quase arrastando o chão (p.142). De acordo com os documentos históricos, o uso de carruagens, frequente nos funerais, era um costume adotado em muitas cidades. Em Pelotas, isso aconteceu até meados de 1970.

Segundo Teresa de Freitas, as técnicas de autenticação do discurso são as referências ou pontos de ligações históricas que inscrevem a narrativa em uma realidade extratextual anterior ao discurso. Elas são elementos secundários que rodeiam ou situam fatos históricos principais, autenticando-os. Para a teórica, o historiador refere-se às fontes consultadas, enquanto o romancista raramente o faz, com exceção do novo romance histórico, em que o ficcionista utiliza-se de documentos oficiais, na maioria das vezes, citados em notas de rodapés ou incorporados ao discurso, conferindo-lhe autenticidade.

Assim a participação da imprensa em Pelotas é outra reconstituição histórica validada por documentos históricos. A personagem Olegário lê no jornal *O libertador* de Pelotas uma crítica a Catão Bonifácio por ter apoiado Flores da Cunha na punição de políticos comunistas. Tal representação foi retirada, na íntegra, desses periódicos e está entre aspas. Ao se preocupar com a relação criteriosa desse documento, a escritora procurou dar um cunho de veracidade a Ficção, demonstrando que a História de Pelotas lhe serviu como fonte de inspiração.

A ditadura militar na década de 1970 em Pelotas também tem sua representação nessa obra. A narradora relembra os momentos em que os estudantes eram presos na cidade:

Fiz essa conversa chata, para explicar o acontecido com Fernando, em Pelotas, quando invadiram a casa onde morava com a família. Depois de haverem algemado a seus pais, levaram-no a outra peça, onde o despiram, colocaram-lhe os pés numa bacia com água e, utilizando fios ligados a um aparelho, deram-lhe choques pelo corpo, depois levaram-no à porta de outro quarto e mostraram a sua mulher, despida e desmaiada, no chão, fios elétricos à volta. Dali Fernando foi posto na viatura e sumiu. (LOPES, 1997, p.188)

Desse modo, constatamos que Hilda Simões Lopes ao representar a trajetória de seu avô recorreu à realidade concreta, utilizando-se da polifonia discutida por Bakhtin de que todo o texto é uma matriz do outro. Assim, a autora de *A superfície das águas* ao construir uma narrativa de cunho ficcional extraída da realidade concreta, utilizou-se, com muita habilidade, tanto do tempo da História, por intermédio de datas calendarizadas, quanto do da Ficção, com saltos temporais entre o passado e o presente. Isso serviu tanto para situar o leitor no universo histórico quanto para demarcar a fronteira entre a História e a Ficção.

No que concerne ao tempo da aventura, constatamos que houve uma intenção deliberada da romancista em quebrar a linearidade da História para explicar algum acontecimento que o escritor desconhecia. Ao se apropriar de documentos da realidade concreta como o jornal *O Libertador* e o *Diário de Notícias*, a ficcionista, além de conferir verossimilhança à narrativa adotou a postura de um historiador que sempre procura dar plausibilidade

ao seu discurso. Percebemos ainda, que embora a História de Pelotas seja a linha diretriz, o centro em torno do qual a narrativa se organiza, o universo fictício, em que coexiste, tem seu referente próprio, tirado do imaginário do autor, que não apenas se sobrepõe ao histórico, mas interage com ele.

Assim, a Ficção se apodera por vezes da História com fins especialmente literários; elementos romanescos se interpõem aos elementos históricos, a história se confunde com a História, é invadida pela Ficção. Desse modo, a escritora coloca o leitor diante de um universo concreto e real, externo ao texto literário. Ao incorporar em seu discurso episódios históricos, atestados pela História, mesclando-os com os ficcionais, tenta preencher as lacunas da História, fazendo assim uma reconstituição fiel da História de Pelotas e da família Simões Lopes, dando ao leitor a impressão que as cenas representadas reproduzem o que poderia ter se passado.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Literatura e História: o entrecruzamento de discursos. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Org.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Ed. FURG, 1993.

DIÁRIO DA MANHÃ. Pelotas, 16 mar. 1934.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 16 mar. 1997.

_____. Pelotas, 13 mar. 1997.

FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.

LOPES, Hilda Simões. *A superfície das águas*. Porto Alegre: IEL, 1997.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Sul: um estudo sobre a cidade de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed. UFPEL; Livraria Mundial, 1993.

_____. *História e tradições da cidade de Pelotas*. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal (Org.). *100 imagens da arquitetura pelotense*. Pelotas: Pallotti, 1998.

O LIBERTADOR. Pelotas, 27 dez. 1933.

VICENTINO, Cláudio; GIANPAOLO, Dorico. *História geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2001.